



Informativo Vivat nº 54

211 East 43 St, Suite 706, New York, New York 10017 Tel | Fax : +1 646-487-0003

julho, agosto, setembro 2012

Email: viny@vivatinternational.org

Prezados Leitores,

Bem-vindos, bem-vindas à edição on line nº 54 do Informativo VIVAT !

Nos últimos meses, o escritório da VIVAT, em Nova Iorque, enfrentou uma temperatura recorde. Assim como o termômetro, também o ritmo dos eventos na ONU cresceu alimentado pelas contínuas reações à Rio+20, por negociações do Tratado do Comércio de Armas, pela crise na Síria e pela importante sessão do ECOSOC. Portanto, não sentimos falta de tópicos para incluir nessa edição.

Neste material, vocês vão encontrar, em primeiro lugar, dois exemplos notáveis de membros VIVAT defendendo os direitos humanos de populações carentes. Opondo-se a políticas injustas do governo e de empresas, esses defensores interromperam a exploração de comunidades locais por desenvolvimentistas inescrupulosos. Além dessas histórias de sucesso, em artigos seguintes desta edição, alguns membros articularam vários convites para serviços. Essas causas mundiais incluem a próxima celebração do dia Internacional da Paz, contínuas iniciativas em favor do Tratado sobre o Comércio de Armas e da necessidade de uma maior participação da juventude nas questões políticas. Finalmente, continuando a refletir sobre a importante conferência Rio+20, essa edição inclui também reações pessoais de diversos participantes da conferência. Para iniciar sua exploração desses diversos tópicos, prossiga lendo!

Você nos inspira! Continuamos acolhendo retornos, ideias, histórias e notícias sobre nossos membros. Envie-nos comentários e sugestões: viny@vivatinternational.org

Índice:

Defensores dos Humildes: Promotores dos Direitos Humanos.....	pág. 2
Ressoando pela Paz	pág. 3
Paz em Ação: Lições de Hiroshima.....	pág. 4
Tratado sobre o Comércio de Armas.....	pág. 5
ONU & Juventude: Novas Iniciativas	pág. 6
Rio+20: Reflexões.....	pág. 7
UNESCO: Conhecendo a ONU.....	pág. 8
Próximos Eventos.....	pág. 8

MESA DIRETORA

Maria Theresia, SSpS

Heinz Kulüke, SVD

Gervase Taratara, CSSp

Carmen Bando, SSpS

Milan Bubak, SVD

Gregory Pinto, SVD

Zita Resch, ASC

REPRESENTANTES ASSOCIADOS

Maria Filomena Borges, Cssp

Maureen O'Malley, MSHR

Fernanda Cristinelli, MCS

Arlindo Pinto, MCCJ

Cecile Renouard, RA

Camille Piche, OMI

Claudio Wever, SCJ

Franca Sessa, LSA

EQUIPE EXECUTIVA

Zelia Cordeiro, SSpS

Felix Jones, SVD

CONTRIBUIÇÃO TEXTOS

John Converset, John Turiano,

Bradly Rozairo

Proof-reader

Judy Cates

TRADUTORAS

Simone Petra Hanel, SSpS

German

Edni Gugelmin, SSpS

Portuguese

NOVA IORQUE GENEBRA

+1 646 478 0003

GENEBRA

+41 022 796 991

Defensores dos Humildes: *Defesa dos Direitos Humanos em Ação*

A Declaração Universal dos Direitos humanos consiste em trinta artigos, cada um listando um direito irrevogável de cada indivíduo, não importando etnia/raça, cor, sexo, idioma, religião ou outro estatuto. Estão incluídos, nessa extensa lista, direitos fundamentais, tais como, direito à assembleia, julgamento justo e liberdade religiosa. No momento, por causa de sua participação nas Nações Unidas, todos os 193 estados membros mantêm essa declaração como um padrão inquestionável na aplicação dos direitos humanos. Entretanto, apesar de sua obrigação teórica de defender a declaração, nem um único país adere totalmente aos trinta artigos. Mesmo entre os campeões em Direitos Humanos, como os Estados Unidos, existem flagrantes violações, por exemplo, os afogamentos simulados dos prisioneiros do centro de detenção da Baía de Guantánamo. Observando tais desencorajadoras faltas de respeito aos direitos humanos, pergunta-se: a Declaração Universal é simplesmente uma retórica inatingível, incapaz de responder às realidades da sociedade humana?

As ações recentes dos promotores dos direitos humanos no Peru e no Brasil evidenciam que a resposta a essa questão é um sonoro Não. Resistindo à vontade dos poderosos, esses campeões dos direitos humanos tomaram consciência de que, muitas vezes, há abusos dos direitos simplesmente porque falta aos fracos um meio através do qual tornar pública a sua causa. Dando mais voz a essas populações e mantendo os atores responsáveis, esses membros VIVAT preservaram com sucesso os direitos dos oprimidos.

Na floresta do Norte do Brasil,

madeireiros agressivos e outras indústrias extrativas enfrentam pouca oposição à sua exploração da terra. Num tal clima favorável aos negócios, a companhia mineradora de carvão, Vale, decidiu expandir suas ferrovias para aumentar seus suprimentos. Tal expansão iria atingir a terra de centenas de comunidades à beira do trilho,



Menino olha a passagem do trem de carvão ao longo do curso da duplicação proposta.

incluindo a terra de uma quase extinta tribo indígena do Brasil e ainda, aumentar a degradação ambiental. Após fazer uma superficial e aparente consulta à comunidade, Vale seguiu adiante com seus planos de construção. Testemunhando essa injustiça, organizações como a Justiça nos Trilhos começaram a contatar as comunidades afetadas para ter uma visão das dimensões do problema. Rapidamente ficou evidente que a população afetada estava preocupada temendo a falta de compensação e os efeitos ambientais negativos.

Motivada por essas queixas, Justiça nos Trilhos formou uma coalizão com grupos afins, como o Centro de Cultura Negra do Maranhão e o Conselho Indigenista Missionário. Unidos contra a expansão da ferrovia, essas organizações de-

cidaram entrar com uma ação contra a Vale após determinarem que uma ação legal poderia ser bem sucedida e concluída em tempo razoável. Finalmente, em 2 de agosto, os frutos dessa ação planejada desabrocharam. Um juiz brasileiro ordenou a parada da construção da ferrovia, alegando degradação ambiental e falta de consulta às comunidades. As vozes dos desprivilegiados triunfaram sobre a companhia em busca de lucros.

Um caso de empoderamento similar aconteceu no vizinho menor do Brasil, Peru. Como o país abrange o pico dos Andes, o Peru muitas vezes explorou riquezas na mineração. Nos anos recentes, muitas dessas minas rendosas exploraram a população local oferecendo-lhe apenas funções com bai-

xos salários e poluindo fortemente o entorno. Além disso, tais minas começam, muitas vezes, sem o consentimento da comunidade local. Residentes das áreas têm reagido com revolta contra essas práticas exploradoras, protestando nas ruas contra as companhias. Justamente um protesto desses irrompeu no começo de julho sobre a proposta de \$ 4.8 bilhões da Conga mineradora em Cajamarca, região do Peru. Durante os vários dias de protesto, cinco pessoas morreram de causas várias, incluindo balas perdidas da polícia. Como reação a tal violência, o governo central em Lima suprimiu os direitos humanos numa intervenção claramente partidária, impondo um estado de emergência estrita na região de Cajamarca, restringindo a liberdade de expressão, o direito a assembleia e dando poder à polícia para agir com impunidade. O governos preferiu ignorar as queixas dos manifestantes.

Testemunhando essas injustiças, membros da VIVAT mobilizaram-se para denunciar as ações do governo. Após verificarem os fatos e comunicarem-se com pessoas do local, VIVAT elaborou uma carta de resposta. Essa carta não apenas ressaltou a responsabilidade imediata do governo peruano em remover o estado de emergência e fazer uma investigação transparente sobre as mortes, ainda ofereceu sugestões para uma reconciliação a longo termo, tais como, obter o consentimento livre e informado da comunidade local para continuar o desenvolvimento. Sobre tudo, a carta continha referências ao Tratado dos Direitos Humanos, do qual Peru é signatário, tratado esse que agora o País estava deixando de cumprir. Para acrescentar maior peso a essa carta, VIVAT convidou ONGs companheiras a apoiarem-na como co-assinantes, conseguindo dezesseis organizações que completaram o documento. Finalmente, represen-

tantes VIVAT distribuíram a carta à relevantes instâncias, entre elas, a vários órgãos do próprio governo peruano e outras organizações de direitos humanos, como o Conselho de Direitos Humanos da ONU, o que poderia contribuir para aumentar as pressões. O envolvimento de VIVAT juntou-se a um crescente e global protesto contra a repressão do governo peruano aos protestos dos mineiros, um clamor que influenciou a demissão pelo Presidente Humala de seu primeiro ministro, remodelando seu gabinete. No entanto, a situação no Peru continua sem resolução, uma vez que a o estado de emergência continua vigorando e o diálogo entre as partes foi cortado.

Olhando para o futuro, a população marginalizada continuará precisando de defensores e defensoras que levem as queixas e sofrimentos de sua comunidade local à atenção às altas autoridades políticas. Assim como aconteceu no Brasil e

no Peru, a vontade de uma grande companhia ou governo pode ser detida efetivamente por um grupo de ativistas motivados e inteligentes. Através de uma contínua oportunidade de diálogo entre os poderosos e os humildes, o futuro terá maior respeito pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pela capacitação das pessoas à margem da sociedade que sofrem em silêncio.

“Precisamos rever nosso modelo de desenvolvimento. Hoje precisamos de um modelo de crescimento que olhe para frente, que ofereça previsibilidade, estabilidade e isso significa, mais do que tudo, sustentabilidade”

James P.
Comissão Europeia para o Meio Ambiente

Ressoando pela Paz: *“Uma Paz Sustentável para um Futuro Sustentável”*

Nos últimos 31 anos, perto da sede das Nações Unidas, em Midtown Manhattan, um toque claro de sino soou e atravessou a agitação da cidade na manhã de 21 de setembro. Esse é o Sino Japonês pela Paz, tocado pela primeira vez em 1954 por moedas coletadas por crianças de 60 países e colocado numa pequena estrutura de madeira do tradicional templo Xintoísta. As badaladas do sino nesse dia são para anunciar o início do Dia Internacional da Paz.

A Assembleia Geral das Nações Unidas concebeu o dia Internacional da Paz (também conhecido como Dia Mundial da Paz) em 1981. Seguindo uma votação unânime de todos os países, a ONU estabeleceu o dia da abertura de sua Assembleia Geral, na terceira terça-feira de setembro, como o dia Internacional da Paz.



O Dia Internacional da Paz deste ano integra o símbolo da reciclagem, 2012 é o Ano Internacional da Energia Sustentável

O dia, então, só foi celebrado no ano seguinte, 1982. Portanto, quando a ONU se reúne para mais um ano de debates, todas as delegações são muito bem lembradas da mais alta vocação da ONU, a paz.

Quase vinte anos depois, em 2001, uma nova resolução estabeleceu o dia 21 de setembro como o Dia Internacional da Paz.

O principal objetivo da ONU sempre foi o de manter a paz no mundo. Esse mandato para cultivar a paz está refletido na primeira linha do preâmbulo da ONU, "nós, povo das Nações Unidas, estamos determinados a salvar sucessivas gerações do flagelo da guerra". Contribuindo com a mensagem, o Dia Internacional da Paz está programado para ser acompanhado por um cessar fogo de todas as hostilidades, por 24 horas. Além disso, o dia inclui um minuto de reflexão

em silêncio, ao meio dia, de acordo com as respectivas zonas do tempo. Esse minuto deve oferecer uma plataforma a todas as pessoas do mundo para contemplarem a paz cultivada em suas relações pessoais e, mais amplamente, na sociedade global. Refletindo sobre o Dia da Paz, o Secretário Geral da ONU, Ban-Ki Moon disse: "O dia da paz nos dá a todos a chance de refletir sobre as inconcebíveis consequências morais, físicas e materiais geradas pela guerra. Tais custos são pagos não apenas por nós, hoje, mas também pelas futuras gerações".

A cada ano, muitos eventos públicos e ralis acompanham o Dia da Paz, ajudando a disseminar a mensagem e inspirar a paixão pela paz nos corações dos participantes. Em 2011, uma ONG, com objetivos de disseminar a consciência do Dia Internacional da Paz, realizou um grande concerto em homenagem ao dia, na Arena 02, em Londres. Nesse concer-

to, Um Dia de Paz anunciou que o cessar fogo tinha sido negociado no Afeganistão e Iraque para o dia todo. Para este ano, a ONU e organizações parceiras ampliaram seu horizonte, esperando alcançar o cessar da violência em todo o mundo. O resultado dessa meta ambiciosa será anunciado no concerto anual do Dia da Paz.

Membros da VIVAT juntaram-se a essas vozes globais crescentes pela paz. Na Irlanda, fundaram uma organização chamada Instrumento da Paz (IoP). Esse grupo dedica-se a divulgar a mensagem de paz e desde 2010 coordena a celebração anual do Dia Mundial da Paz. Mantendo o princípio de uma ação pequena, simples e silenciosa, IoP organizou primeiro um concerto de uma hora, intitulado as Quatro Estações da Paz. Animados com o sucesso, no IoP seguinte pensou numa celebração de um dia inteiro, envolvendo vários pronunciamentos e centenas de pessoas. Houve uma

grande participação nesse ambicioso festival de um dia todo, chamando a atenção de organizações afins e da comunidade local. Encorajado por esses novos colaboradores, IoP planeja realizar, no próximo ano, uma celebração durante todo um final de semana. Como demonstra essa rápida expansão, a doutrina da paz permanece um tema convincente para o público em geral. Num mundo ainda atribulado pela guerra, a grande maioria do povo sonha em viver numa sociedade livre de conflitos. No Dia Internacional da Paz deste ano, veja se você pode seguir os passos da IoP e irradiar esse anseio universal por harmonia. Não se esqueça, ainda, de parar para o Minuto de Silêncio, às 12 horas, juntamente com pessoas de todo o mundo suscitando, assim, inspiração para um posicionamento pela paz. Solidariedade fortalece. Muito frequentemente, as vozes por paz são abafadas, faça sua voz ser ouvida.

2012 Programa pela Paz em Hiroshima

A data do lançamento da bomba atômica foi solenemente lembrada em Hiroshima. A cada ano a Diocese de Hiroshima conduz uma série de programas tanto na Cate-

dral Memorial, no Parque Memorial da Paz, como em outros lugares. Eu estive lá para participar de alguns eventos nos dias 5 e 6 de agosto. O programa começou na tarde do dia

5, com um simpósio na perspectiva de acabar com a geração de armas nucleares. O Bispo Tani, diretor da comissão de Justiça e Paz foi o Palestrante principal. O simpósio também teve a fala de um japonês, hoje residente na Coreia, que sobreviveu à bomba e também de mães que foram forçadas a fugir de Fukushima por causa do acidente nuclear do ano passado.

À noite, cerca de 500 pessoas acompanharam a caminhada pela paz. Saímos do parque Memorial da Paz pela rua principal e fomos até a Catedral Memorial. Notei que neste ano



Orações em frente ao Domo da Bomba Atômica

havia um grupo de ativista pró-nuclear que tentava fazer suas vozes serem ouvidas. Isso, porém, não atrapalhou a caminhada da paz. Foi bom ver a juventude de diferentes dioceses com faixas e cartazes que diziam "Não à energia nuclear", "Paz para o Mundo" acompanhando a procissão. Alguns tinham mensagens de paz escritas em suas camisetas. Alguns jovens com guitarras convidavam todos a acompanhá-los nos cantos em voz alta. (Penso que fomos mais barulhentos que os ativistas pró-nuclear!). Para mim, acompanhar a caminhada pela paz e estar mergulhado nessa atmosfera foi

uma experiência. Após chegarmos à catedral foi celebrada uma missa pela paz, presidida pelo Bispo Maeda, de Hiroshima.

No dia 6, dia em que Hiroshima foi bombardeada, às 6,15h da manhã, houve oração inter-religiosa no parque Memorial da Paz. Ministros representando diferentes religiões ofereceram incenso e rezaram pelas vítimas da Bomba Atômica. Às 8h foi celebrada uma missa na catedral pelas vítimas das armas nucleares e de todas as guerras.

Para mim, estar em Hiroshima especialmente no dia 6 de agosto

foi muito especial. Todo o ano que vou lá eu reservo tempo para ouvir as histórias das vítimas da Bomba Atômica, assisto a alguns filmes sobre o bombardeio, ouço cantos de paz entoados por diferentes coros e oro pela paz. Gente oferecendo flores no monumento do memorial, o cheiro do incenso, o soar do gongo etc, colocam você num estado de espírito que não pode ser explicado em palavras. Penso que reservo um lugar especial para Hiroshima em meu coração. Pode ser que isso se deva ao fato de eu ter vindo de um país afetado pela guerra.

Restrição ao Mercado Ilegal de Armas

Entre os dias 2 a 27 de julho, na sede da ONU, em Nova Iorque, negociadores de todos os estados membros reuniram-se para discutir o tratado limite que rege o comércio internacional de armas. Para grande consternação dos participantes e observadores, a conferência não produziu nenhum documento ou consenso. No entanto, esse revés não diminuiu a crescente onda de apoio ao documento e o prospecto para o futuro de uma redução no comércio mundial de armas parece animador.

Um grupo de laureados com o Nobel da Paz, incluindo o Presidente Arias, de Costa Rica, desenvolveu o conceito para um tratado do comércio de armas dez anos atrás. Desde então, graças aos trabalhos das organizações da sociedade civil, o impulso para negociações sobre o tratado de armas tem lentamente crescido. A necessidade desse tratado é grande. Atualmente 2000 pessoas são mortas pela violência armada, diariamente, e 27,5 milhões de pessoas no mundo foram deslocadas internamente como resultado de conflitos armados, no final de 2010. Apesar dessas estatísticas chocantes, o comércio internacional de armas



O Padre Apóstolo de Jesus de Uganda, sendo entrevistado durante o intervalo do encontro

está, em geral, menos regulado que o comércio de bananas. Alguns países como os Estados Unidos mantêm um alto nível de escrutínio e regulamentações com relação à transferência de armas. Entretanto, a maioria dos países tem regulamentos frouxos e estabelecem poucas restrições. Tais inconsistências globais na supervisão resultam em brechas significativas que as organizações criminosas podem explorar, ajudando a alimentar conflitos, crescente pobreza e facilitando a violação dos direitos humanos. Por-

tanto, estabelecer padrões internacionais comuns de regulamentação da transferência de armas convencionais poderia reduzir significativamente a disponibilidade de armas ilícitas e privar delas os infratores dos direitos humanos.

O primeiro movimento concreto em direção a tal tratado surgiu em 2006, quando a Assembleia Geral da ONU adotou a resolução 61/89, intitulada Tratado sobre o Comércio de Armas. Entretanto, esse movimento permaneceu suspenso por vários anos, assim como muitos ato-

res importantes (o maior exportador de armas, os Estados Unidos), não apoiaram o tratado. Superando esse impasse, em 2009, a administração Obama reverteu essa posição dos Estados Unidos e apoiou o tratado. A ONU foi adiante e estabeleceu uma data limite para a realização do tratado, conseguindo apoio de estados membros e organizando comitês preparatórios.

Todos esses eventos culminaram nas negociações de julho sobre o tratado. É importante considerar que um tratado representa um documento legal vinculante, sendo, portanto, um instrumento poderoso de imposição. Além disso, para que o tratado seja aprovado necessita do consenso de todos os estados membros (um pré-requisito exigido pela ONU, tendo como efeito o poder de veto de cada nação). Desafiados por essa tarefa, os negociadores ficaram reunidos por longas horas para chegarem ao tratado. No processo, várias discordâncias prejudicaram o progresso. Alguns países argumentaram sobre a severa transgressão de direitos que a proibição do suprimento de armas iria causar; discutiram sobre se o tratado deveria incluir munições e armas de pequeno portes e armamentos leves e se acordos regionais pré-existentes poderiam ser integrados no tratado. Além disso, alguns países insisti-

ram que para assegurar que o tratado fosse efetivo, ele devia receber 65 ratificações anuais, ao contrário das costumeiras 20-25. Por fim, esses desacordos permanecem sem resolução e atores chaves sugerem mais tempo para negociar o tratado.

Na sequência desses acontecimentos desapontadores, muitos observadores consideraram que a conferência sobre o tratado foi um fracasso irrecuperável. Entretanto, examinando os discursos sobre um tratado mais amplo, houve mudanças radicais que alteraram irreversivelmente o cenário. O que é mais importante, a ocasião para mais negociações permanece propícia. Nos momentos finais da conferência, México falou pelas 90 nações articuladas e fez um forte apelo para a renovação dos esforços e negociações. Ainda mais, na própria conferência a grande maioria dos países concordou com a elaboração de um documento rigoroso. Essa massa crítica de pressão internacional não pode ser silenciada por muito tempo. Essa mudança na opinião internacional uma vez mais evidencia o poder da sociedade civil pra mudar filosofias subjacentes e reorientar prioridades a longo prazo. Ainda que o progresso seja lento, a recompensa da paz e da solidariedade valem o esforço.

Esta sessão da Assembleia Geral representa a próxima oportuni-

dade para um progresso substancial sobre o tratado do comércio de armas. A Assembleia Geral requer apenas a maioria de 2/3 e não um consenso absoluta para aprovar a resolução. Portanto, a maioria dos países pró-tratado pode sobrepor-se aos poucos resistentes. Uma nova resolução poderia ser um passo firme adiante. As resoluções podem ser poderosos instrumentos de coerção para governantes agirem e poderiam, mais tarde, levar a um tratado vinculante. Para que a resolução seja votada na AG é necessário que primeiro ela seja apresentado pelos estados membros. Essa apresentação é um ato político arriscado, uma vez que os Estados Unidos e outros poderes anti-tratado disseram abertamente que não querem que o referido tratado seja levado à Assembleia Geral. Portanto, se você deseja apoiar um futuro Tratado sobre o Comércio de Armas, faça pressão sobre seu governo para assegurar-se de que ele tem coragem de defender essa questão internacional. Enquanto que os discursos sobre o comércio de armas fizeram um notável progresso, para levar a cabo a iniciativa são necessários esforços renovados. Entre em contato com VIVAT para assistência técnica ou outras consultas sobre como você pode apoiar essa questão.

A Sabedoria da Juventude

A ONU trabalha para maior integração da juventude mundial

Recentemente, as cabeças cinzas, típicas dos diplomatas da ONU, têm sido intermeadas com fisionomias mais jovens. Essa repentina influência da juventude não assinala alguma sorte de aposentadoria em massa, antes, o progresso de uma ampla iniciativa com a finalidade de incluir as vozes de gerações mais jovens nas decisões políticas. A inspiração para essa ini-

ciativa tem origem no mandato democrático da ONU para estabelecer políticas que acuradamente reflitam todas as necessidades da sociedade. Muitas vezes, na lide política as preocupações da juventude são ignoradas, sistematicamente negligenciadas pelo impressionantemente mundo idoso dos altos oficiais dos governos. A representação desigual não deveria ser tolerada

quando a população jovem do mundo, definida como crianças abaixo dos 15 anos de idade, no momento, chega a 1.8 bilhões. Comparada com a população total do planeta, de 7 bilhões, a juventude constitui quase 25% de toda a população da terra. Portanto, em seus planos para 5 anos, publicados em janeiro deste ano, o secretário geral da ONU, Ban Ki-Moon, convocou para uma revi-

são extensiva dos programas atuais da ONU para jovens, para o desenvolvimento de novos planos de ação para a juventude e para a indicação de um novo conselheiro especial sobre a juventude.

O maior interesse da ONU na participação da juventude apareceu fortemente na conferência seminal deste ano, a Rio+20. Vinte anos após a primeira conferência do Rio sobre as questões ambientais, Rio+20 reuniu centenas de lideranças mundiais com o objetivo de levar adiante a causa do desenvolvimento sustentável. Como herdeira do meio ambiente global (e de suas crescentes disfunções) a juventude teve uma particularmente grande participação na referida conferência. Assim, com maior acesso aos painéis de alto nível no

grupo principal CSD ONU, Crianças e Jovens, jovens engajados deram suas opiniões e contribuíram para o debate. No final, o documento sem comprometer saído da conferência foi um desapontamento para muitos jovens participantes. No entanto, está claro que, no futuro, mais otimismo juvenil e sugestões serão incluídos nas decisões da ONU. Com a evolução de planos posteriores para a inclusão da juventude, o escritório da secretaria geral decidiu identificar as principais áreas de preocupação dessa juventude. Assim, o plano para novas ações está incumbido de focalizar cinco áreas temáticas: emprego, empreendedorismo, inclusão política, cidadania, proteção dos direitos e educação. A economia em crise é a principal

causa da seleção do emprego e do empreendedorismo como as duas primeiras preocupações. Em países mais afetados, como a Espanha, a taxa de desemprego da juventude foi superior a 50% no ano passado. Essa perda tremenda do capital humano é, ao mesmo tempo, uma draga na sociedade atual e um freio nas possibilidades futuras, uma vez que os/as jovens estão privados das experiências decisivas do trabalho. Ademais, com as outras três categorias da ONU, procura dirigir-se aos problemas crônicos da juventude, como deficiência educacional, falta de inclusão política e violação de seus direitos básicos. O avanço dessas cinco metas pode evitar que a juventude caia nas armadilhas da pobreza cíclica que ameaça restringir muitas de suas conquistas.

Rio+20 foi a Primeira Reunião de Cúpula na Era da Internet

De acordo com estimativas da ONU, mais de 50 milhões de pessoas ao redor do mundo participaram eletronicamente da Conferência sobre o desenvolvimento sustentável, Rio+20, por causa das mídias sociais e maior acesso à Internet e tecnologia móvel. "Penso que o sucesso na Rio+20 teve pouco a ver com o documento final" escreve Jacob Scheer, do Conselho de Defesa dos Recursos Naturais. "Ao invés, o sucesso veio do encontro de milhares de lideranças, especialistas e ativistas, no Rio, por um objetivo comum, um futuro sustentável".

Fonte: UM Wire

"Espero que Rio+20 se transfira para a Praça Tahrir da crise global do meio ambiente e que a opinião pública internacional seja capaz de dizer às lideranças que elas não podem ignorar a ciência...Elas não podem baixar as expectativas diante da deterioração da crise a cada dia".

Marina Silva. Ativista ambiental brasileira

"Temos que ser pragmáticos na vida e em vez de olharmos para trás, para o que esperávamos, queríamos ou que poderia ter sido, temos que trabalhar com o que conseguimos e continuar lutando para assegurarmos o futuro."

Elizabeth Thompson, Coordenadora executiva, Rio+20

"Um clima mais instável, com temperaturas subindo e acontecimentos climáticos mais frequentes e intensos, poderia afetar aspectos ainda mais fundamentais de nossa compartilhada segurança: alimentos, água e negócios."

Edward Davey Secretário de Estado do Reino Unido

"Nossas ações e decisões sobre como geramos e usamos energia, sobre o que consumimos e como produzimos, tudo tem consequências para o meio ambiente e para o bem estar humano."

Sha Zukang Sub Secretário Geral pelas questões econômicas e sociais.

Conhecendo a ONU: UNESCO

A grande sigla UNESCO significa Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (não confundir com ECO-SOC - Conselho Econômico e Social que deu origem à UNESCO). Oficialmente criada em 16 de novembro de 1945, UNESCO é uma continuação do Comitê da Liga das Nações sobre Cooperação Intelectual. Em sua criação, as delegações previam a UNESCO como uma agência para a paz, "já que as guerras começam nas mentes dos homens, é na mente dos homens que a defesa da paz deve ser construída". Atualmente, a UNESCO opera amplamente na ONU como um órgão de desenvolvimento de programas, trabalhando na erradicação da pobreza, no desenvolvimento sustentável e no diálogo intercultural. Para contribuir para esses objetivos mais amplos, UNESCO concentra-se especificamente na educação, ciências, cultura comunicação e informação. A sede da UNESCO está em Paris, na França, e a organização mantém 58 escritórios regionais ao redor do mundo.

Talvez a mais alta responsabilidade da UNESCO seja designar importantes locais culturais (incluindo edifícios históricos, ou mesmo, reservas naturais) como Patrimônios da Humanidade. Tais apontamentos aumentam os fundos disponíveis para essas áreas, mas também instituem códigos estritos de manutenção e preservação. Mesmo que a designação de Patrimônios Locais seja sua incumbência de maior destaque, atualmente a organização considera os Objetivos para o Desenvolvimento do Milênio como a motivação básica de todas as estratégias e atividades. Desses objetivos maiores, UNESCO selecionou África e Igualdade de Gênero como seus dois objetivos globais mais prementes, juntamente com os objetivos prévios de apoiar a educação, pesquisas científicas e diversidade cultural. Para levar adiante esses objetivos, a instituição está executando programas como a elaboração do currículo do programa de prevenção do HIV/AIDS, maior acesso das mulheres à educação, e assistência técnica na



criação de um nível educacional nacional. Desde sua concepção, UNESCO também tem sido envolvida em controvérsias múltiplas entre os estados membros. Em 31 de outubro de 2011, a UNESCO aprovou a Palestina como membro pleno da organização. Uma tal ação resultou na cessação de todos os fundos dos Estados Unidos à organização, um acontecimento significativo, uma vez que sua contribuição era de 25% de todo o fundo da UNESCO. Como consequência da diminuição de fundos, a UNESCO certamente irá diminuir suas operações num futuro próximo.

Por mais informações visite:
www.unesco.org/new/en/unesco/

PRÓXIMOS EVENTOS

Outubro

Outubro 11 – 21

1º Seminário Internacional de JUPIC Steyl – Holanda

Outubro 11

Dia Internacional da Criança

Outubro 17

Dia Internacional da Erradicação da Pobreza – 17

Outubro 24

Dia das Nações Unidas - 24

Novembro

Novembro 17

Dia Universal das Crianças

Novembro 20

Dia Internacional da Memória pelas Vítimas do Tráfico

Novembro 25

Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres

Novembro 27-30

Oficina sobre Defensoria - Filipinas

Dezembro

Dezembro 1º

Dia Mundial da AIDS

Dezembro 10

Direito Humanos

Dezembro 18

Dia Internacional dos Migrantes